

1

No Outono de 1997, o ex-Presidente George H. W. Bush, então com 74 anos e há meia década fora da Casa Branca, telefonou a um dos seus amigos mais chegados, o príncipe Bandar bin Sultan, embaixador de longa data da Arábia Saudita nos Estados Unidos.

«Bandar», disse Bush, «W. gostaria de conversar consigo, se dispuser de tempo. Pode vir visitar-nos e falar com ele?» O seu filho mais velho e homónimo, George W. Bush, que tinha sido governador do Texas durante quase três anos, estava a consultar várias pessoas relativamente a uma decisão importante, e queria encontrar-se com ele em privado.

A vida do saudita girava em torno de conversas destas. Embora tivesse havido muita especulação nos *media* — dizia-se que W. estava a pensar entrar na corrida para a presidência — Bandar não perguntou qual o motivo do diálogo. Aos 49 anos, era embaixador da Arábia Saudita há 15, e tinha uma importância extraordinária em Washington. Talvez apenas o antigo Presidente Bush fosse tão dinâmico e possuísse uma rede de contactos tão boa.

Tinham estabelecido laços pessoais nos anos 80. Bush, vice-presidente a viver à sombra de Ronald Reagan e considerado por quase toda a gente frouxo e vacilante, era tratado por Bandar com o respeito, a atenção e a seriedade que se deviam a um futuro chefe de estado. O embaixador deu uma grande festa para Bush na sua propriedade apalaçada com vista sobre o rio Potomac (na qual actuou a cantora Roberta Flack), e chegou a pescar com ele na sua casa de férias em Kennebunkport, no Maine — o passatempo menos apreciado de Bandar, mas algo que Bush adorava. O relacionamento fazia-se em permanente contacto telefónico e pessoal.

Como bons agentes secretos — Bush tinha sido director da CIA e Bandar possuía fortes ligações com as agências de espionagem mais importantes do mundo — tinham-se recrutado um ao outro. A amizade era ao mesmo tempo útil e genuína, e as duas características reforçavam-se mutuamente. Durante a guerra que Bush empreendeu em 1991 para expulsar Saddam Hussein do Koweit e impedi-lo de invadir a vizinha Arábia Saudita, Bandar fizera praticamente parte do Gabinete de Guerra de Bush.

No dia do escrutínio de 1992, por volta das quatro da manhã, quando parecia que Bush ia perder a corrida ao segundo mandato, Bandar enviou-lhe uma carta pessoal dizendo: «Serei seu amigo para toda a vida. O meu país foi salvo por si. Sinto-me como se pertencesse à sua família, e é como se o senhor fosse um de nós. E o senhor Presidente irá ganhar de qualquer forma. Pelo menos deveria, pois merece. Mas se perder estará na boa companhia de Winston Churchill, que ganhou a guerra e perdeu as eleições.

Bush telefonou a Bandar nesse mesmo dia, por volta da uma da tarde, e disse-lhe: «Meu caro, a única boa notícia que tive hoje foi a sua carta.» Cerca de doze horas depois, no início do dia seguinte às eleições, Bush telefonou-lhe outra vez e afirmou: «Acabou-se.»

Bandar tornou-se o mentor de Bush, salvando-o de um recolhimento quase depressivo. Foi o primeiro, depois de ele ter deixado a Casa Branca, a ir a Kennebunkport na qualidade de convidado, e regressaria por mais duas vezes. Levou inclusivamente amigos de Inglaterra para o visitarem em Houston. Em Janeiro de 1993, recebeu-o na sua mansão de 32 divisões em Aspen, no Colorado. Ao chegar, o ex-Presidente encontrou um canto baptizado «Operação Tempestade no Deserto», em homenagem à intervenção liderada pelos Estados Unidos na Guerra do Golfo. No centro encontrava-se a fotografia de Bush. Bandar jogou ténis e praticou outros desportos com ele, fazendo tudo para o manter ocupado.

Impiedoso, cruel e sofisticado, Bandar era quase um quinto poder em Washington, obsessivamente empenhado nos círculos políticos e mediáticos. Enquanto embaixador, concentrava as suas atenções na presidência, independentemente de quem a ocupasse. Queria manter a porta aberta para a Arábia Saudita, detentora das maiores reservas de petróleo do mundo mas militarmente fraca no volátil Médio Oriente. Quando Michael Deaver, um dos principais assessores do Presidente Reagan, saiu da Casa Branca para trabalhar como lobista, a primeira-dama Nancy Reagan, outra amiga chegada de Bandar, telefonou-lhe e pediu-lhe que o ajudasse. Bandar deu-lhe 500 mil dólares através de um contrato de consultoria, e nunca mais o viu¹.

Bandar estava presente na noite das eleições de 1994, quando dois dos filhos de Bush, George W. e Jeb, concorriam para governador do Texas e da Florida, respectivamente. Bush e a antiga primeira-dama Barbara Bush pensavam que o primeiro iria perder e o segundo ganhar. À medida que os resultados surgiam, o espanto de Bandar foi crescendo por ver Bush pai ali sentado com quatro páginas de nomes e números de telefone — duas para o Texas e outras tantas para a Florida. Qual experiente corretor de apostas de Las Vegas, passou o serão ao telefone, fazendo perguntas e agradecendo a toda a gente — pagando e recebendo. Deu atenção àqueles que haviam apoiado o novo governador do Texas, mas também aos que tinham contribuído para o esforço falhado na Florida.

Bandar percebeu que Bush sabia tirar partido de todas as suas ligações pessoais. Fazia-o de forma tão humana e natural que não parecia estar a cobrar favores. Fred Dutton, antigo braço direito de Kennedy nos anos 60, advogado de Bandar e lobista em Washington, disse que era assim que o velho Kennedy, o embaixador Joseph P. Kennedy, costumava trabalhar, embora o estilo deste tenha sido tudo menos humano.

Em 1997, Bandar usou como pretexto para a sua visita ao governador do Texas uma partida de futebol americano dos seus adorados Dallas Cowboys, que jogavam em casa. Isso dar-lhe-ia «cobertura», como dizia. Queria que o encontro fosse muito discreto, e ordenou que o seu jacto privado pousasse em Austin.

Assim que aterraram, o chefe de gabinete de Bandar disse, ansioso, que o governador já estava à espera lá fora. O embaixador percorreu o corredor, dirigindo-se para a saída.

«Olá, como está?», saudou George W. Bush diante da porta, antes mesmo de Bandar deixar o avião. Parecia ansioso por conversar.

«Aqui?», perguntou Bandar, pensando que iriam para a mansão ou para o gabinete do governador.

«Sim, prefiro aqui.»

Bandar fora durante 17 anos piloto de caças na Arábia Saudita, e um favorito do Rei Fahd. O seu pai, o Príncipe Sultan, era o ministro da defesa do país. Bush havia sido piloto de jactos na Guarda Nacional do Texas. Tinham-se encontrado anteriormente mas, para Bandar, George W. era apenas um dos quatro filhos do antigo Presidente, e não o que mais se distinguiu.

«Estou a pensar candidatar-me à presidência», disse Bush, então com 52 anos. Na altura ainda mal tinha começado a campanha para a reeleição como governador do Texas. Avançara durante meses com cuidado, tentando não enfraquecer o seu magnetismo enquanto potencial candidato presidencial e evitando ao mesmo tempo assumir-se demasiado cedo, para não dar aos eleitores do Texas a impressão de que os estava a deixar para trás.

Bush disse a Bandar que tinha ideias claras em relação ao que necessitava ser feito na política doméstica, mas acrescentou: «Não faço a mínima ideia do que penso sobre política internacional e externa.»

«O meu pai disse-me para falar com Bandar antes de me decidir. Em primeiro lugar, ele é nosso amigo. *Nosso* quer dizer da América, não apenas da família Bush. Em segundo, conhece todas as pessoas importantes do planeta e, em terceiro, irá dar-te a sua visão sobre o que está a acontecer no mundo. Talvez consiga marcar-te encontros com algumas dessas pessoas.»

«Governador», disse Bandar, «em primeiro lugar sinto-me humilhado por me solicitar isso.» Era pedir demais. «Em segundo», continuou, «tem a certeza de que quer avançar?» A vitória do seu pai, que concorrera na qualidade de vice-presidente e viera a suceder ao popular Reagan nas presidenciais

de 1988, fora uma coisa, mas tomar a Casa Branca ao Presidente Bill Clinton e aos Democratas, que iriam provavelmente nomear Al Gore para vice-presidente, seria outra. Referindo-se a Clinton, Bandar acrescentou: «Este é que é o verdadeiro *teflon*, não Reagan*.»

Os olhos de Bush brilharam! Era quase como se ele quisesse vingar a derrota do seu pai perante Clinton. Foi um momento emocionante. Bandar sentiu que Bush filho estava a dizer: «Quero ir atrás deste tipo e mostrar-lhe quem é o melhor.»

«Muito bem», disse Bandar, percebendo a mensagem. O governador queria lutar. «Que pretende saber?»

Bush pediu a Bandar que seleccionasse as questões mais importantes, e este guiou-o numa viagem virtual pelo mundo. Enquanto embaixador de um país extraordinariamente rico em petróleo como a Arábia Saudita, Bandar tinha acesso a governantes de todo o mundo e costumava ser enviado com regularidade pelo Rei Fahd em incumbências secretas. Era o homem das missões internacionais difíceis — por vezes até impossíveis. Tinha relações pessoais com os governantes da Rússia, China, Síria, Grã-Bretanha, até mesmo Israel. Referiu-se abertamente aos líderes do Médio Oriente e do Extremo Oriente, da Rússia, da China e da Europa. Descreveu alguns dos encontros que tivera, por exemplo com Mikhail Gorbachev para conversar sobre a retirada soviética do Afeganistão. Falou de Maggie Thatcher e do primeiro-ministro britânico Tony Blair. Descreveu a colaboração saudita com o Papa e com Reagan para manter os comunistas sob controlo. A diplomacia produzia muitas vezes estranhas intimidades.

«Neste país há pessoas que são suas inimigas», disse Bush, «e que ao mesmo tempo pensam que o meu pai é seu amigo.»

«E então?», quis Bandar saber, sem perguntar quem eram, embora a referência se dirigisse obviamente a apoiantes de Israel, entre outros.

Bush falou abertamente sobre as pessoas que não queriam que o seu pai ganhasse em 1992, dizendo que iriam lutar também contra ele, se concorresse. Eram os mesmos indivíduos que não gostavam de Bandar.

«Posso dar-lhe um conselho?» perguntou este.

«Diga.»

«Senhor Governador, diga-me que quer realmente ser Presidente dos Estados Unidos.»

Bush confirmou o seu desejo.

«Se me diz isso, quero dizer-lhe uma coisa: que se lixe a Arábia Saudita ou quem gosta ou não da Arábia Saudita, quem gosta ou não de Bandar. Engula

* O termo *teflon* (que se refere a um material anti-aderente) é usado no mundo anglo-saxónico para caracterizar pessoas às quais as críticas não parecem afectar. Ronald Reagan ficou conhecido como o «Presidente *teflon*», mas o termo também foi aplicado a Bill Clinton, entre outros políticos. (N. T.)

o seu orgulho e faça-se amigo de qualquer pessoa que possa contribuir para a sua vitória, independentemente de o senhor achar ou não que essa pessoa odeia o seu pai ou os seus amigos. Assegure-se que eles entendem que pode ao mesmo tempo queixar-se deles e ajudá-los, e é certo que irão ajudá-lo»

Bush lembrou-se do conselho do filme *O Padrinho*: mantenha os seus amigos próximos de si, mas os inimigos ainda mais. Parecia sentir-se porém desconfortável, e comentou que aquilo não era lá muito honesto.

«Esqueça lá isso de querer ser honesto», disse Bandar. «Não estamos no confessionário. Se pretende ficar-se por aí, aproveite este mandato e divirta-se. Isto não é jogo para crianças, vale arrancar olhos, há sangue por todo o lado, não é bonito².»

Bandar mudou então de assunto. «Queria dizer-lhe uma coisa que não tem nada que ver com o contexto internacional. Quando eu pilotava os F-102 em Sherman, no Texas, na Base Aérea de Perrin, o senhor pilotava os F-102 ao virar da esquina, noutra base também no Texas. Há muito tempo que o nosso destino nos ligou através da aviação, ainda nem nos conhecíamos.» E acrescentou que gostaria de fazer outra sugestão.

«Diga.»

«Não sei se ainda se recorda do que lhe ensinaram na Força Aérea. Eu lembro-me porque passei lá 17 anos. O senhor passou por isso menos tempo. Mantenha o alvo debaixo de olho. Quando estou a pilotar aquele jacto com a vida por um fio, vou atrás do avião inimigo e nem interessa se lá fora ocorre o fim do mundo. Mantenho-me concentrado nele, e faço o que for preciso. *Não olho um segundo para o lado.*»

O antigo Presidente Bush continuou a realizar esforços no sentido de expandir os horizontes do seu filho, e talvez também de recrutar futuros assessores.

«George W., como sabe, está a pensar no que vai fazer», disse ele a Condoleezza Rice, então com 43 anos, administradora executiva e científica da Stanford University e um dos seus membros preferidos entre os jovens do Conselho de Segurança Nacional do seu tempo na Casa Branca. «Ele vai estar em Kennebunkport. Não quer aparecer por lá este fim-de-semana?»

Era Agosto de 1998. O antigo Presidente estava a propor-lhe que realizasse um seminário sobre a política de defesa dos Estados Unidos para o seu filho.

Rice fora especialista-chefe em assuntos russos no Conselho de Segurança Nacional, e tinha-se encontrado com George W. numa apresentação de cumprimentos na Casa Branca. Voltaria a vê-lo em 1995. Quando se deslocou a Houston para um conselho de administração da Chevron, empresa na qual trabalhava, Bush sénior convidou-a para ir a Austin, onde W. acabava de tomar posse. Falou nessa ocasião com o novo governador sobre as respectivas famílias e sobre desporto durante uma hora, e depois sentiu-se uma peça decorati-